

O QUE É SER UM BOM PROFESSOR: UM ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE BELO HORIZONTE.

WHAT IT IS TO BE A GOOD TEACHER: A CASE STUDY AT A HIGHER EDUCATION INSTITUTION OF BELO HORIZONTE.

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v10i1.2246>

Alessandro Gomes da Rocha,

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento

Local – Centro Universitário UNA

alessandro@rochatreinamentos.com.br



Rosalina Batista Braga

Doutora em Geografia Humana pela USP e Professora do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento

Local – Centro Universitário UNA

rosalinabraga@gmail.com



<https://orcid.org/0000-0001-7583-9140>

Recebido em: 02/06/2017 – Aceito em: 08/08/2017

Resumo: Esse artigo apresenta parte dos resultados de uma dissertação realizada no programa de Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA de Belo Horizonte. A pesquisa objetivou compreender quais seriam as principais características do “bom professor”, a partir da visão de seus professores. Ou seja, buscou-se identificar o conceito de “bom professor”, buscando, entre os professores mais bem avaliados pela Avaliação Institucional, dos quatro cursos mais bem avaliados pelo ENADE na Instituição, o que eles próprios definem como características de um bom professor. Os resultados encontrados na pesquisa foram colocados em diálogo com os resultados de outras pesquisas já realizadas sobre o tema, bem como, com a literatura existente, respeitando as especificidades do tipo de IES da presente pesquisa.

Palavras-chave: Bom Professor. Formação Docente. Avaliação Docente.

Abstract: This article presents part of the results of a dissertation held in the Professional Master's Program in Social Management, Education and Local Development of UNA University Center in Belo Horizonte. The research aimed to understand what would be the main characteristics of the "good teacher", from the perspective of their teachers. That is, we tried to identify the concept of "good teacher", searching among the teachers most evaluated by the Institutional Evaluation of the four courses most evaluated by ENADE in the Institution, which they themselves define as characteristics of a good teacher. The results found in the research were placed in dialogue with the results of other research already done on the subject, as well as with the existing literature, respecting the specificities of the Institution type of the present research.

Keywords: Good Teacher. Teacher Training. Teacher Evaluation.

Introdução

Falar de educação é algo instigante e desafiador. Possui diversas vertentes. Este artigo foca a educação formal, dentro do contexto de uma instituição privada de ensino superior.

A escola, como instituição voltada, historicamente, para a produção e socialização do conhecimento apresenta-se como um campo de várias interações: professores/alunos, alunos/alunos, professores/professores, corpo-técnico administrativo/professor, corpo-técnico administrativo/alunos e comunidade escolar com as comunidades externas e, de forma especial as interações entre escola / famílias.

Entre as diversas atribuições da educação formal, o seu papel relevante no chamado Desenvolvimento Local pode ser destacado. Dowbor (2007) julga ser necessária a formação de pessoas que amanhã possam participar mais ativamente das iniciativas capazes de desenvolver e transformar o seu entorno, gerando dinâmicas construtivas, centradas no tripé econômico, social e ambiental.

Pretto & Pinto (2006, p. 27) descrevendo a atividade do professor, inclui esse profissional, nos tempos hodiernos, quando afirma:

O professor planetário colocará o seu fazer pedagógico a serviço da quebra de barreiras epistemológicas, culturais, institucionais, geográficas, levado pelo propósito de vincular seu trabalho a um movimento cada vez mais amplo de reorganização da produção científica capaz de incluir o seu aluno numa rede cada vez mais ampla de relações.

A aula expositiva, aquele tipo de aula no qual prevalece a comunicação verbal, com toda a sua intensidade e eloquência, possui sua gênese nos discursos filosóficos da antiga Grécia, quando alguns pensadores, como Sócrates e Platão compartilhavam seus ensinamentos, exclusivamente através da fala.

A comunicação oral é um fenômeno que pode ser analisado de forma fisiológica e psíquica. Segundo Behlau et. al. (2004), uma relação interpessoal pode ser influenciada pela psicodinâmica vocal, que é o impacto psicológico que o comportamento vocal do falante causa em quem o ouve. De forma consciente ou não, influenciamos o outro com nossa voz e somos influenciados pela voz de outros. A forma como se fala reflete o próprio perfil além de sentimentos e sensações positivas e negativas, passando-se para quem ouve imagens verdadeiras ou falsas sobre o falante, gerando empatia ou não. Para Dragone (2000), a voz do professor é apontada como um de seus principais recursos de trabalho.

Nesse contexto, uma das primeiras perguntas que se pode fazer é a seguinte: como o aluno avalia o professor? Entretanto, essa pergunta requer, ainda, um recorte mais preciso: o que o aluno está avaliando e qual tipo de professor está sendo avaliado?

Por ocasião das avaliações institucionais, a referida instituição de ensino tem desenvolvido a coleta e análise dos dados dentro do paradigma quantitativo. Nessa instituição, os resultados da avaliação institucional têm sido transformados em decisões estratégicas institucionais e em metas de produtividade docente. Entretanto, os docentes avaliados não têm se apropriado, suficientemente, dos resultados de suas respectivas avaliações. O objetivo geral da pesquisa foi caracterizar o “bom professor”, em uma instituição de ensino superior, buscando contribuir para o desenvolvimento e a formação do professor universitário. O objetivo específico foi identificar elementos do processo de formação e desenvolvimento profissional dos professores que pudessem contribuir para a compreensão do lugar que eles ocupam na avaliação dos discentes.

A justificativa do presente trabalho teve sua origem na busca de um melhor entendimento dos critérios estruturadores de uma avaliação positiva dos professores. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia federal ligada ao Ministério da Educação (MEC), conforme o Censo da Educação Superior, de 2007, no Brasil, havia cerca de 218.823 professores que trabalhavam em Instituições de Ensino Superior (IES). Desse número, 65,38% dos profes-

sores trabalhavam na rede privada. Só em Minas Gerais, podem ser encontrados 11,61%, do total da estatística nacional, ou seja, 38.850 professores. Neste Estado, a proporção dos professores que trabalhava na rede privada superior era ainda maior: 73,85%, ou seja, 28.694 professores (BRASIL, 2007).

Torna-se necessário considerar, ainda, que as instituições de ensino superior da rede privada estão divididas em quatro categorias, conforme o artigo 20 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN):

- I** - particulares em sentido estrito, assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado que não apresentem as características dos incisos abaixo;
- II** - comunitárias, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas educacionais, sem fins lucrativos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade;
- III** - confessionais assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior;
- IV** - filantrópicas, na forma da lei (BRASIL, 1996, p.1).

A Instituição de Ensino Superior, da Região Metropolitana de Belo Horizonte estudada estava classificada na quarta categoria: filantrópica, na forma da lei.

Uma realidade que o professor universitário enfrenta no seu dia-a-dia, principalmente o da rede privada é a instabilidade no emprego. A cada semestre, como forma de enfrentar a acirrada concorrência e posicionamento mercadológico da instituição, muitas IES da rede privada promovem demissões em alta escala, mesmo nas instituições filantrópicas, na forma da lei. Assim, entender o que é ser um bom professor, poderia auxiliar o docente em seu processo de desenvolvimento profissional. O que, necessariamente, não tem que significar submissão às demandas e modelos do mercado.

Sendo assim, um importante resultado esperado da presente pesquisa foi construir referências para a formação do docente universitário, em especial, do professor universitário do sistema privado.

Referencial Teórico

O fazer docente no contexto da sala de aula

A atividade docente, principalmente em sala de aula, mostra-se cada vez mais desafiante. Aspectos como a gestão de classe, gestão de conteúdo, interações pedagógicas, comportamento do docente, estratégias de ensino e o processo de avaliação são alguns dos principais elementos estruturadores relacionados com a complexidade dessa atividade.

Cunha (1989) define a sala de aula como:

[...] o lugar privilegiado onde se realiza o ato pedagógico escolar. Para ela afluem as contradições do contexto social, os conflitos psicológicos, as questões da ciência e as concepções valorativas daqueles que compõem o ato pedagógico: o professor e os alunos. [...] Estudar o que acontece e, especialmente porque acontece na sala de aula, é tarefa primeira daqueles que se encontram envolvidos com uma prática pedagógica competente. [...], pois é na sala de aula que se concretiza o ato pedagógico em estudo. É também a par-

tir das experiências de aula que os alunos constroem o referencial para indicar o BOM PROFESSOR¹ (CUNHA, 1989, p.24;26).

Ou seja, para a autora, a sala de aula é o lugar, por excelência onde acontece a legítima ação pedagógica. É no tempo e no espaço da ação pedagógica que o profissional da docência constrói o seu perfil profissional. Para isso, a complexidade dos desafios cotidianos desempenha papel preponderante.

Gauthier (1998) contribui consideravelmente para o aumento do escopo teórico-científico deste campo temático. Esse autor foi uma das principais referências para a análise de dados coletados nesta pesquisa. Esta pesquisa compartilha com o autor sobre quais são as mais importantes funções e momentos da prática docente:

Para nós, era importante determo-nos prioritariamente no trabalho do professor em classe. A partir da literatura, identificamos duas grandes funções pedagógicas: a gestão da matéria e a gestão da classe. Essas duas funções são executadas pelo professor nos três momentos da intervenção pedagógica, que são a fase de planejamento, a fase de interação com os alunos e a fase de avaliação e de controle da gestão do conteúdo e da gestão da classe (GAUTHIER, 1998, p. 274).¹

Mesmo separando as funções do planejamento, interação com o aluno, avaliação e controle, este autor vê a gestão de conteúdo e a gestão de classe como elementos indissociáveis da ação pedagógica:

Em primeiro lugar, constata-se que as funções pedagógicas de gestão da matéria e de gestão da classe estão na verdade solidamente imbricadas uma na outra. De fato, qual seria a legitimidade dos procedimentos de gestão de classe sem conteúdos a serem transmitidos? Não é a aquisição dos conteúdos que torna obrigatória a presença dos alunos em classe? Em contrapartida, perguntemo-nos: como os professores conseguiram transmitir os conteúdos se não impusessem nenhuma regra ou procedimento visando explicitamente a reger as interações no seio de um grupo que, além de evoluir num espaço limitado por variáveis organizacionais e situacionais, é impulsionado por interesses variáveis? (GAUTHIER, 1998, p.276).

De fato, Gauthier (1998) separa as duas questões somente para efeitos de estudo e análise. Uma é condição *sine qua non* para a outra e vice-versa.

Características dos bons professores universitários

Torna-se algo extremamente complicado significar o 'bom professor'. De qualquer forma, é importante entender a linha de pensamento de alguns autores:

Flores (2010, p.147) afirma que:

Relativamente aos professores que mais os marcaram pela positiva durante o seu percurso escolar, os alunos referiram qualidades como: o rigor científico, a dedicação aos alunos, a justiça, a paciência, o empenho, o sentido de humor, a disponibilidade, a versatilidade, a simpatia, a competência pedagógica, o entusiasmo pela escola e a paixão pelo

¹Grifo do autor.

ensino. Os professores apaixonados, interessantes e comprometidos, que funcionam como referências axiológicas ('ótimos modelos de vida') para os discentes foram também destacados, uma vez que são rigorosos em termos de matérias a leccionar e, concomitantemente, conseguem transmitir valores, cativar os alunos e fomentar neles o gosto pela aprendizagem.

Neste trecho, a autora atribui várias outras características ao bom professor, além da afetividade. Muitas são valores positivos universais. Del Gaúdio (2006) confirma esse aspecto ao identificar em sua pesquisa a relação entre ser bom professor e ser uma boa pessoa

Cunha (1989, p. 64) afirma que o conceito de bom professor, segundo o aluno, tem relação com o contexto histórico-social:

O aluno faz a sua construção própria de bom professor, mas, sem dúvida, esta construção está localizada num contexto histórico-social. Nela, mesmo de forma difusa ou pouco consciente, estão retratados os papéis que a sociedade projeta para o bom professor. Por isto não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades dos seres humanos situados no tempo e no espaço.

Em dois trechos, Cunha (1989, p. 69-70) também menciona a afetividade como característica relevante do bom professor:

[...] dificilmente um aluno apontaria um professor como BOM ou MELHOR de um curso, sem que este tenha condições básicas de conhecimento de sua matéria de ensino ou habilidades para organizar suas aulas, além de manter relações positivas. Contudo, quando os alunos verbalizam o porquê da escolha do professor, enfatizam os aspectos afetivos. Entre as expressões usadas estão 'é amigo', 'compreensivo', 'é gente como a gente', 'se preocupa conosco', 'é disponível mesmo fora da sala de aula', 'coloca-se na posição do aluno', 'é honesto nas observações', 'é justo' etc. Essas expressões evidenciam que a ideia de BOM PROFESSOR presente hoje nos alunos de 2º e 3º graus passa, sem dúvida, pela capacidade que o professor tem de se mostrar próximo, do ponto de vista afetivo. É interessante observar que é quase impossível, a não ser para fins didáticos e de pesquisa, tentar depurar, distinguir atitudes do professor que se referem especificamente a este lado da relação professor-aluno.

A autora busca esclarecer melhor o termo afetividade, excluindo outro possível significado que pode surgir:

É importante dizer que os alunos não apontam como melhores professores os chamados 'bonzinhos'. Ao contrário. O aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra participação e tarefas. Ele percebe que esta é também uma forma de interesse se articulando com a prática cotidiana da sala de aula (CUNHA, 1989, p.71).

O domínio do assunto é essencial, quase uma obrigação, do 'bom professor':

Percebo que, para trabalhar bem a matéria de ensino, o professor tem que ter profundo conhecimento do que se propõe a ensinar. Isto não significa uma postura prepotente que

pressupõe uma forma estanque de conhecer. Ao contrário, o professor que trabalha com a dúvida, que analisa e estrutura de sua matéria de ensino e é estudioso naquilo que lhe diz respeito (CUNHA, 1989, 143).

Com isso, o 'bom professor' necessita se transformar em um eterno estudioso, buscando a cada dia.

Outro trabalho que explorou as características do bom professor foi produzido por Beltrão & Macário (2000). Os mesmos levantaram opiniões de alunos de uma IES privada e uma IES pública, todos pertencentes ao curso de Educação Física. Mesmo sendo de uma instituição de ensino pública e uma privada, os resultados não variavam de forma relevante. Os quatro principais atributos do bom professor foram:

1) Comunicação e linguagem. Esses são atributos significativos para o desempenho do professor. A forma como o professor comunica reflete diretamente na compreensão do conteúdo, por parte do aluno, além de estimular a motivação e o interesse, aumentando a participação e o desempenho do discente;

2) Conhecimento específico. Sem o domínio do conteúdo, o professor não terá segurança e credibilidade, podendo comprometer a importância da respectiva disciplina;

3) Motivação. Significa o gostar do que faz, o querer mais conhecimento, o facilitar, o levar a viajar pela matéria, o promover a participação, o inspirar;

4) Relacionamento. Isto demonstra as preocupações em torno do aprender a conviver, do aprender a conhecer, para realmente chegar o aprender a ser.

Numa matéria publicada no jornal *Gestão Educacional* (2010, p.1), publicação virtual de São Paulo, o bom professor do ensino básico possui 10 características principais, a saber:

1) Formação adequada para o tipo de série que ele se propõe a ministrar aulas;

2) Possuir didática de ensino;

3) Dinamismo;

4) Flexibilidade;

5) Criatividade;

6) Iniciativa, garra e força de vontade;

7) Inovação;

8) Organização, pontualidade, comprometimento e responsabilidade;

9) Afetividade e sensibilidade;

10) Bons usos das experiências adquiridas.

No mesmo jornal, são apontadas as características exigidas para o docente do ensino superior: - "É orientador, desenvolve aulas mais teóricas, mostra caminhos para a pesquisa; - possui carreira acadêmica (Mestrado, Doutorado); - Tem facilidade para transmitir a teoria utilizando exemplos de aplicabilidade profissional; - desenvolve aulas visando à formação para o mercado profissional; - incentiva a pesquisa; - possui publicações; - tem postura acadêmica; - tem gosto por pesquisas; - trabalha as regras de modo claro e objetivo, deixando o aluno decidir por si; - fornece bibliografia e o aluno que desenvolve seu trabalho; - usa linguagem mais objetiva; - participa das atividades acadêmicas; - Compartilha experiências com outros professores" (GESTÃO EDUCACIONAL, 2010, p.1).

Outro estudo interessante a respeito das características do bom professor foi publicado pela UNESCO, no livro intitulado "O que faz um bom professor?", de 1996. Mais de 500 crianças de cerca de 50 países contribuíram com suas opiniões, em idades entre 8 e 12 anos. No site da UNESCO, foram citados alguns resultados dessa pesquisa:

Um bom professor é alguém que pode aprender com seus alunos, que podem aprender com eles e para eles. Ele também deve ser honesto em suas relações com os alunos, e orgulhoso o suficiente sobre o seu próprio valor para o trabalho, a partir daí, em ajudar os seus alunos para construir a sua própria auto-estima.” –“Um professor deve ter várias qualidades. Primeiro de tudo o que ele / ela deve amar ser um professor e gostar de seus assuntos. Ele deve ser paciente com os seus alunos e ser capaz de explicar o assunto para eles também. Sua classe deve ser uma mistura de aprender fazendo e da aprendizagem teórica; e deve ser divertido também. Um professor deve ser uma pessoa que você sempre pode falar e ser capaz de lhe dar alguns conselhos para o caso de precisar de ajuda. Ele / ela também precisa ser amigável, mas também um pouco rigoroso, para os estudantes os respeitarem (sic)”. – “Um bom professor não dita o que está escrito no livro ou o Currículo. Um bom professor mostra o mundo inteiro para os alunos (UNICEF, 2001, p.1)².

Estas situações descritas provocam desafios às atuais avaliações institucionais docentes das IES, pois apresentam dificuldades em saberem realmente o que é e quem são os bons professores.

Metodologia e Procedimentos de Investigação

O presente trabalho utilizou a metodologia de pesquisa qualitativa. O formato foi o estudo de caso do tipo único, com várias subunidades de pesquisa, denominada estudos de casos incorporados, conforme relatado por Yin (2005). Isso porque uma vez que a presente pesquisa busca compreender as características de um bom professor, em contextos de interação social, a pesquisa qualitativa tornou-se o paradigma mais adequado para poder responder as questões colocadas por essa pesquisa.

Os autores Bogdan & Biklen (1994), confirmam a tradição da investigação qualitativa no campo da educação. Mesmo tendo se afirmado como alternativa metodológica somente no final dos anos sessenta, a investigação qualitativa, segundo esses autores, na educação, foi muito fortalecida. Para eles as metodologias qualitativas apresentam cinco características, que são compatíveis com a pesquisa a ser realizada no campo da educação:

1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o principal instrumento de investigação. 2) é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. 3) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que somente pelos resultados e produtos. 4) as análises são realizadas de forma, predominantemente, indutiva e 5) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 47-51).

Após os contatos e negociações para obter a autorização para a pesquisa documental e para ter acesso aos professores que comporiam a amostra a ser investigada foram iniciados os procedimentos para a coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada assim: Os mesmos foram retirados de prestação de contas de avaliação institucional e do ENADE. Em seguida, selecionamos os quatro professores mais bem avaliados, um de cada curso dos quatro melhor avaliados na IES em questão e no ENADE.

Com o intuito de levantar possíveis elementos não contemplados pela a avaliação institucional, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores obser-

²Como há a possibilidade livre de publicação de textos e opiniões de internautas no website da UNICEF, é possível encontrar erros ortográficos.

vados, para investigar se, em suas trajetórias de formação profissional e para a docência, estavam presentes processos que pudessem contribuir para a compreensão de suas posições na avaliação institucional referida.

Passa-se, nesse momento, a apresentar as justificativas da escolha dos processos metodológicos e procedimentos de pesquisa de forma mais detalhada.

- Primeira fase: coleta de dados secundários, provenientes dos relatórios internos da instituição pesquisada. A avaliação institucional acontece todo semestre e é respondida por todos os discentes da instituição. Além de avaliar a infraestrutura (salas, equipamentos, banheiros, cantinas e serviços) o aluno avalia o professor, sendo que este último conjunto de dados é o que realmente interessou para essa pesquisa. Por meio dos documentos da avaliação institucional, o pesquisador teve acesso aos mais bem avaliados, o que permitiu atingir o objetivo específico, que foi mapear os professores melhor avaliados. Foram escolhidos os quatro melhores professores, um de cada curso, dos mais bem avaliados da Instituição. A Instituição pesquisada tem as seguintes características:

- À época da pesquisa, era uma Instituição de Ensino Superior Filantrópica na força da lei. Foram escolhidos os melhores avaliados. Nas Ciências Biológicas, Ambientais e da Saúde o melhor avaliado foi o curso de Educação Física, com nota 5; Nas Ciências da Comunicação: Publicidade e Propaganda, com nota 3; nas Ciências Humanas, Letras e Artes: Pedagogia, com nota 4; e nas Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais: Ciências Contábeis, com nota 4.

- Em seguida, considerou-se o relatório institucional dos dez professores mais bem avaliados dos quatro cursos mencionados, referente ao 2º semestre de 2009 e o 1º semestre de 2010. Selecionou-se o melhor professor de cada curso. Ou seja, definiram-se os quatro professores: Professora A, professora melhor avaliada do curso de Ciências Contábeis; Professora B, a melhor do curso de Educação Física; Professor C, o melhor de Pedagogia e Professor D, o melhor do curso de Publicidade e Propaganda.

- Última fase: foi feita uma entrevista semiestruturada com os quatro docentes. Essa entrevista levou às possíveis respostas atingindo o objetivo específico, que foi identificar os elementos dos processos das respectivas formações docente que pudessem ajudar na compreensão das especificidades dos professores investigados, estruturantes de cada perfil.

Apresentação e Análise de Dados

Conforme especificado na metodologia desta pesquisa, foi realizada uma entrevista com cada docente, que foram os professores melhores avaliados pelos alunos, como forma de extrair dados que pudessem compor a análise das características do bom professor, no que tange a formação e o percurso profissional do professor. Reuniu-se aqui os dados mais relevantes para essa pesquisa:

- Coincidentemente, havia duas professoras e dois professores;
- Não havia padrão de idade, pois os professores tinham em torno de 30, 40, 50 e 55 anos respectivamente: Professora A (Ciências Contábeis); Professor B (Educação Física); Professor C (Pedagogia) e Professor D (Publicidade e Propaganda).

- Em relação à formação, todos os professores possuíam graduação compatíveis com o curso e/ou disciplina ministrada: Professor A, de Ciências Contábeis, possuía formação na área de Direito, compatível com a disciplina ministrada no presente curso: Legislação Trabalhista Previdenciária; Professor B, de Educação Física, possuía formação em Educação Física, compatível com o curso, de mesmo nome e com a disciplina, Ginástica em Academia; Professor C, de Pedagogia, possuía formação compatível

com o curso, de mesmo nome; e Professor D, de Publicidade e Propaganda, possuía formação compatível com a disciplina que ministrava: Português – leitura e produção de texto;

- A Professora A e o Professor C possuíam outra atividade profissional, além da docência. Já a Professora B e o Professor D tinham dedicação exclusiva à docência;

- Em relação aos anos de experiência na atividade docente, não houve padrão de resposta. A Professora A tinha 5 anos de experiência; a Professora B, 10 anos; O professor C, 20 anos; e o Professor D; 10 anos de experiência docente;

- Quando perguntado, qual das duas atividades (não docente e docente) era a mais desafiadora, tanto para a Professora A, quanto o Professor C, os entrevistados responderam que a atividade docente era a mais desafiadora, dada a quantidade de expectativas (as dos alunos) que precisam atingir, por semestre. Como os Professores B e C tinham dedicação exclusiva a carreira docente, a esta análise não se aplica;

- Quando perguntado, qual das duas atividades exigem mais dedicação fora da respectiva atividade, o padrão de resposta se igualou ao item anterior: A atividade docente, para os Professores A e C, não aplicável para os Professores B e D;

- Na pergunta: Qual a que proporciona mais satisfação? Os Professores A e C responderam ‘ambas as atividades’, não aplicáveis também para os professores B e D;

- Quando perguntado se houve algum tipo de preparação para entrar na atividade docente, a Professora A respondeu não ter tido nenhuma preparação; a Professora B, duas disciplinas do mestrado: ‘Prática Docente’, com aulas dadas, acompanhadas pelo respectivo orientador e ‘Didática do Ensino Superior’; o Professor C, o seu curso de graduação: Pedagogia; e o Professor D, por ser Licenciatura, o curso era voltado para a formação de professor. Mesmo assim, pode-se dizer que não houve padrão homogêneo de respostas. E que o processo de formação para a docência pode ter sido relevante para se compreender o desempenho desses docentes.

- Na pergunta a respeito de ter havido algum tipo de influência familiar que o levou a entrar na carreira docente, somente o Professor C, recebeu um grande apoio de sua namorada, à época do ingresso na docência;

- No último item, foi perguntado se a entrada na carreira docente foi uma escolha (1) ou foi o resultado de uma confluência de circunstâncias não idealizadas (2). Houve empate de respostas: os Professores A e C, responderam a opção (2) e os Professores B e D, opção (1).

Considerações Finais

Os quatro docentes são especialistas em suas determinadas áreas, sendo destes, três mestres (pós-graduação *stricto sensu*) que, no campo científico, é a formação legitimada academicamente, segundo Cunha (2006). De qualquer forma, mesmo tendo um perfil de pesquisa, os quatro docentes não demonstraram serem pesquisadores constantemente, mesmo que tenha sido por um determinado tempo, ao conquistarem os respectivos títulos de mestrado. Talvez, isso seja reflexo do docente que trabalha em IES particular. Normalmente, por serem professores horistas da rede privada, como forma de compensar a defasagem salarial, se envolvem com uma carga-horária cada vez maior, não sobrando muito tempo para se dedicarem à pesquisa. Garcia (1999) já apontava para esta realidade que, para ele, evita que o professor se desenvolva como profissional. Segundo este autor o caminho do bom professor, só pode ser seguido por meio de uma rotina da pesquisa.

O objetivo também foi alcançado, que era identificar os elementos da trajetória de formação e desenvolvimento profissional dos docentes pesquisados, que pudessem esclarecer o lugar ocupado por esses docentes na avaliação institucional. Os dados e informações obtidos esclareceram as trajetórias dos docentes, mas não revelaram elementos que pudessem esclarecer maiores especificidades. As idades (30 a 55 anos) e o tempo de permanência na docência (5 a 25 anos) não ajudam a esclarecer o investigado, pois, são variáveis; professor com mestrado ou só com especialização; dois que somente exercem a docência e dois que possuem outras atividades além da docência. De qualquer forma, este resultado se repete em outras pesquisas como as registradas por Cunha (1989). Quer dizer, não há um perfil adequado de bom professor, baseado somente na história de vida, com sua formação ou trajetória profissional. Estas últimas conclusões se coadunam com as mesmas apresentadas por Cunha (1989, p. 74) ao citar que “bons professores podem ser cronologicamente mais jovens ou mais velhos, com maior ou menor experiência didática”.

Entretanto, um fato comum a todos é revelado: o prazer em dar aulas. Todos, sem exceção, apresentaram satisfação por lidar com alunos e por poder fazer a diferença na vida de cada um estudante, a cada semestre. Cunha (1989, p. 86) concorda com isso quando afirma:

Há um elemento comum, porém entre todos. Independentemente dos caminhos que o levaram ao magistério, todos foram unânimes em afirmar que gostam do que fazem, apreciam especialmente o contato com os alunos e se estimulam com as respostas deles. A interação com a matéria de ensino é também parte fundamental.

Estas afirmações disponibilizadas na pesquisa desta autora convergem com os resultados apresentados no presente trabalho.

Outro fator que apareceu nas entrevistas dos professores foi a influencia, de alguma forma, de seus docentes, quando eram alunos. Cunha (2006), já apontava para o fato desses alunos, agora docentes, produzirem esquemas cognitivos e afetivos, baseados na absorção de visões de mundo, concepções epistemológicas, posições políticas e experiências didáticas de seus respectivos professores. Obviamente, eram influências positivas e negativas, mas, ao que tudo indica, as positivas foram referências com mais força para serem replicadas que as negativas.

. Em síntese não foram encontradas nas trajetórias dos docentes investigados maiores esclarecimentos sobre o lugar que ocuparam na avaliação. O elemento comum mais relevante entre eles foi o fato de gostarem e manifestarem esse prazer no fazer docente.

Referências Bibliográficas

BEHLAU, M; DRAGONE, ML e NAGANO, L. *A Voz que Ensina: O Professor e a Comunicação Oral em Sala de Aula*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BELTRÃO, Fernanda Barroso; MACÁRIO, Nilza Magalhães. O bom professor de educação física: visão do estado, visão do aluno. Motriz: *Revista de Educação Física – UNESP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 81-87, jul./dez. 2000.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. INEP. *Censo Superior 2007*. Brasília: INEP, 2007 (acesso em <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse/em> 5

de novembro de 2009

BRASIL. Lei 9.394, 1996. Brasília: Presidência da República. Acesso em www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm em dezembro de 2009.v

CUNHA, Maria Isabel da. O Bom Professor e sua Prática. 20ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

CUNHA, Maria Isabel da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, ago. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 23 mar. 2010. doi: (?) 10.1590/S1413-24782006000200005.

DEL GAUDIO, Rogata Soares. Concepções de nação e Estado Nacional dos docentes de Geografia: Belo Horizonte no final do milênio. 2006. 262f. (Tese de doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DOWBOR, Ladislau. Educação e apropriação da realidade local. *Estud. avenida*, (?) São Paulo, v. 21, n. 60, ago. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 15 mar. 2009. doi: 10.1590/S0103-40142007000200006.

DRAGONE, ML. Voz do Professor: interfaces e valor como instrumento de trabalho. Dissertação de Mestrado pela Universidade Estadual Paulista. Barueri, Pró-Fono, 2000. (CD-ROM Cantinho das Teses).

FLORES, Cidália. O ensino e os professores na perspectiva dos alunos: um estudo numa escola secundária. In: FLORES, M.A.; ALVES, M.P. (org.) Trabalho Docente, formação e avaliação: clarificar conceitos, fundamentar práticas. Mangualde: Edições Pedagogo (?), 2010. p. 129-151.

GARCIA, Carlos Marcelo. Formação de Professores: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999.

GAUTHIER, Clermont...[et al.]. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijui, 1998.

GESTÃO EDUCACIONAL. Entre na roda. Gestão de Pessoas. São Paulo. Disponível em http://www.gestaoeducacional.com.br/canal_ver_materia.php?materia=entre_na_roda.htm&images=gestao_pessoas. Acesso em 22 de mar. 2010.

PRETTO, Nelson e PINTO, Claudio da Costa. Tecnologias e novas educações. *Rev. Brasileira Educ.*, abr 2006, vol.11, nº 31, p. 19-30. ISSN 141302478. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 mar. 2009.

UNICEF. What Makes a Good Teacher: Opinions from around the world. 2001. Disponível em <http://www.unicef.org/teachers/teacher/teacher.htm>. Acesso em 22 de mar. 2010.

YIN, R. K. Estudo de Caso: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.